

CEJA >>

CENTRO DE EDUCAÇÃO
de JOVENS e ADULTOS

**CIÊNCIAS
HUMANAS**

e suas **TECNOLOGIAS** >>

História

Edição revisada 2016

Fascículo 6
Unidades 11 e 12

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Governador

Luiz Fernando de Souza Pezão

Vice-Governador

Francisco Oswaldo Neves Dornelles

SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Secretário de Estado

Gustavo Reis Ferreira

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

Secretário de Estado

Antônio José Vieira de Paiva Neto

FUNDAÇÃO CECIERJ

Presidente

Carlos Eduardo Bielschowsky

PRODUÇÃO DO MATERIAL CEJA (CECIERJ)

Coordenação Geral de Design Instrucional

Cristine Costa Barreto

Elaboração de História

Gilberto Aparecido Angelozzi

Gracilda Alves

Sabrina Machado Campos

Denise da Silva Menezes do Nascimento

Márcia Pinto Bandeira de Melo

Marcus Ajuruam de Oliveira Dezemone

José Ricardo Ferraz

Priscila Aquino da Silva

Inês Santos Nogueira

Renata Moraes

Erika Arantes

Maria José Carvalho

Rafael Cupello Peixoto

Gustavo Souza

Claudia Affonso

Revisão de Língua Portuguesa

Anna Maria Osborne

José Meyohas

Coordenação de

Desenvolvimento Instrucional

Bruno José Peixoto

Flávia Busnardo

Paulo Vasques de Miranda

Desenvolvimento Instrucional

Anna Maria Osborne

Coordenação de Produção

Fábio Rapello Alencar

Assistente de Produção

Bianca Giacomelli

Projeto Gráfico e Capa

Andreia Villar

Imagem da Capa e da Abertura das Unidades

Andreia Villar

Diagramação

Camille Moraes

Filipe Dutra

Fernanda Novaes

Larissa Averbug

Mario Lima

Núbia Roma

Ilustração

Clara Gomes

Fernando Romeiro

Renan Alves

Vinicius Mitchell

Produção Gráfica

Patrícia Esteves

Ulisses Schnaider

Sumário

Unidade 11 | Guerras e conflitos: uma disputa pela liderança? 5

Unidade 12 | O Brasil e a América Latina na Guerra Fria 41

Prezado(a) Aluno(a),

Seja bem-vindo a uma nova etapa da sua formação. Estamos aqui para auxiliá-lo numa jornada rumo ao aprendizado e conhecimento.

Você está recebendo o material didático impresso para acompanhamento de seus estudos, contendo as informações necessárias para seu aprendizado e avaliação, exercício de desenvolvimento e fixação dos conteúdos.

Além dele, disponibilizamos também, na sala de disciplina do CEJA Virtual, outros materiais que podem auxiliar na sua aprendizagem.

O CEJA Virtual é o Ambiente virtual de aprendizagem (AVA) do CEJA. É um espaço disponibilizado em um site da internet onde é possível encontrar diversos tipos de materiais como vídeos, animações, textos, listas de exercício, exercícios interativos, simuladores, etc. Além disso, também existem algumas ferramentas de comunicação como chats, fóruns.

Você também pode postar as suas dúvidas nos fóruns de dúvida. Lembre-se que o fórum não é uma ferramenta síncrona, ou seja, seu professor pode não estar online no momento em que você postar seu questionamento, mas assim que possível irá retornar com uma resposta para você.

Para acessar o CEJA Virtual da sua unidade, basta digitar no seu navegador de internet o seguinte endereço:
<http://cejarj.cecierj.edu.br/ava>

Utilize o seu número de matrícula da carteirinha do sistema de controle acadêmico para entrar no ambiente. Basta digitá-lo nos campos "nome de usuário" e "senha".

Feito isso, clique no botão "Acesso". Então, escolha a sala da disciplina que você está estudando. Atenção! Para algumas disciplinas, você precisará verificar o número do fascículo que tem em mãos e acessar a sala correspondente a ele.

Bons estudos!



Guerras e conflitos: uma disputa pela liderança?

Fascículo 6
Unidade 11

Guerras e conflitos: uma disputa pela liderança?

Para início de conversa...

Você já assistiu aos Filmes do agente 007, o espião mais famoso do cinema mundial? O primeiro dos livros do agente 007, James Bond, foi escrito em 1953. O seu primeiro filme foi montado em 1962. Guarde estas datas. Ele sempre conseguia resolver os piores crimes, prendia os bandidos e conquistava as mais belas mulheres. Quem não queria ser o 007? Hollywood, a indústria do cinema, reproduziu nas telas um personagem que se tornou a imagem do Ocidente capitalista em luta contra o Comunismo.

Mas, por que nesse momento da História surgiu um personagem de livros de ficção que ganhou as telas e immortalizou a frase: “Meu nome é Bond, James Bond.”? Mas, qual o motivo desse sucesso? Observe o cartaz do filme; veja o nome do filme! Contra quem 007 está lutando?



Figura 1: Filme “Da Rússia com Amor” (Moscou Contra 007)

Pois é, a resposta é Rússia... Mas, por quê?

Agora voltemos à questão inicial. Lembra-se das datas?! Você agora seria capaz de responder o porquê de os filmes e os livros terem sido lançados naquele momento e por que fizeram tanto sucesso? Pense nisso!

Não sei se você conhece, mas pelo menos já deve ter ouvido de alguém a expressão: “MUITO CACIQUE PARA POUCO ÍNDIO”. Você já parou para pensar o que a frase significa? Qual a lição que se pode tirar dessa sabedoria popular?

Na verdade, a frase faz referência à existência de um líder.

Líder, aquele que lidera, aquele que coordena, aquele que comanda. Para que tudo corra com certa ordem e alinhamento, o líder deve ser único, deve ser aquele que possui uma autoridade dada a ele pelos demais componentes do grupo. Pelo menos, espera-se que, por competência de coordenação, ele seja o organizador do grupo.

Mas, e no conjunto das Nações? Dos Estados? Existe um líder? Existe um comandante para essa barca que chamamos de Mundo?

Nesta Unidade, iremos saber quem eram os líderes do mundo e quem eram os Estados que organizavam as Nações. Observaremos ainda, se esses líderes foram eleitos ou impostos.

Objetivos de aprendizagem

- Reconhecer a Guerra Fria como parte da Ordem Bipolar;
- Identificar os conflitos entre as superpotências e os seus reflexos no mundo;
- Reconhecer na dinâmica do processo de descolonização afro-asiático os diferentes interesses dos agentes históricos envolvidos;
- Entender as razões da colonização e seus desdobramentos nos continentes africano e asiático.
- Analisar o processo histórico da Revolução Cubana;
- Avaliar os desdobramentos do bloqueio a Cuba.

Seção 1

A Guerra Fria - A ordem Bipolar

Ser um herói significa também servir de exemplo para um grupo, na escola, na família, no bairro ou no mundo. A liderança de um indivíduo pode vir da sua autoridade, do seu poder econômico, da sua forma de pensar ou até mesmo do fato de ser o mais forte.

Pois bem! Foi assim no mundo após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Como você já viu nas aulas anteriores, esta guerra foi vencida pelos Aliados. E, após a vitória, três países: Inglaterra, Estados Unidos da América (EUA) e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) se reuniram para resolver como o mundo deveria seguir o seu caminho. Autointitularam-se os heróis do mundo. Mas, logo ficou claro que, devido a sua situação no final da guerra, a Inglaterra se retiraria do páreo deixando o papel de herói para os EUA e a URSS.



Figura 2: Churchill, Roosevelt e Stalin na Conferência de Yalta; em 1945

Como os dois pensavam e viviam de forma diferente, logo surgiu uma divisão: de um lado os Estados Unidos da América, país representante da sociedade capitalista, dono de um grande poder econômico, tecnológico e com a força das bombas nucleares, buscavam a liderança mundial. De outro lado, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, que também se considerava apta a ser líder do mundo. A União Soviética, mesmo tendo saído da guerra com saldo catastrófico, representava outro tipo de sociedade: a socialista. Possuía um grande poder bélico e aspirava à corrida nuclear. Tinha a sua reconstrução como meta prioritária. Enfim, nesse quadro de disputa, nascia a **ORDEM BIPOLAR!** De um lado os EUA, de outro a URSS. Pouco a pouco os demais países foram se alinhando a um ou a outro destes dois países.

Ordem Bipolar

Durante a história que vimos até esta Unidade, sempre um país europeu tinha a liderança no mundo: Portugal, Espanha, França e, por fim, a Inglaterra. Mas, após a Segunda Grande Guerra, o mundo se organizava de outra forma, o eixo do poder mundial se deslocava da Europa para dois novos centros: Washington e Moscou. Uma forma nova de confronto passava a existir: capitalismo X socialismo. Como não existia um único eixo de poder, ou, polo de poder mundial, passamos a utilizar a expressão: Bipolaridade ou Ordem Bipolar.

Dessa forma, as disputas se iniciaram e, de um lado, os Estados Unidos lançaram em 1947 a Doutrina Truman e o Plano Marshall. E, o que significavam?

A Doutrina Truman, defendia o auxílio norte americano aos “povos livres”, que fossem “ameaçados” pelo Totalitarismo, tanto de natureza externa como interna.

O Plano Marshall procurava ajudar os países europeus devastados pela guerra, concedia empréstimos a juros baixos a governos, para que esses adquirissem mercadorias dos EUA.

Os dois planos, reafirmaram e aumentaram a divisão do trabalho entre a Europa Ocidental industrial e o Leste agrário do continente. E, assim, expandia cada vez mais o chamado *American Way of Life* (jeito americano de viver), uma sociedade de consumo.

A Guerra Fria se caracterizou, além das disputas estratégicas e conflitos indiretos, pela difusão da cultura norte-americana, que foi amplamente divulgada através dos veículos de comunicação de massa, como o cinema e o rádio. O “*American Way of Life*”, um padrão comportamental que expressava a felicidade e a alegria do “estilo americano de viver” passou a ser transmitido para todo o mundo.



Saiba Mais



O cinema norte-americano foi um importante instrumento de propaganda do *American Way of life*. Você por acaso se lembraria de algum filme que mostra esse jeito americano de viver? Como esse modo de vida é retratado? Quais seriam, em sua opinião, os seus pontos positivos e negativos?

Anote suas respostas em seu caderno

Na disputa pela liderança do mundo, a *coisa começou a pegar fogo* em 1949.

A União Soviética criou o Conselho e Assistência Mútua Econômica (**CAME** ou **COMECON**), que propunha planos de desenvolvimento para países socialistas, e ainda idealizava um mercado comum desses países.

Os EUA e os países aliados da Europa Ocidental criaram a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), um pacto de agressão defesa mútua, ou seja, quando um dos países aliados fosse atacado os demais também se sentiriam atacados e entrariam na defesa do seu aliado. Era o pretexto ideal para os EUA deixarem exércitos dentro da Europa.

Finalmente, em 1949, a Alemanha era dividida: em setembro daquele ano foi criada a República Federal da Alemanha (RFA) e um mês mais tarde a República Democrática Alemã (RDA). O mundo agora se dividia em dois blocos: os aliados dos Estados Unidos da América e os aliados da União Soviética.

Observe como o mundo se dividiu no período da Guerra Fria:

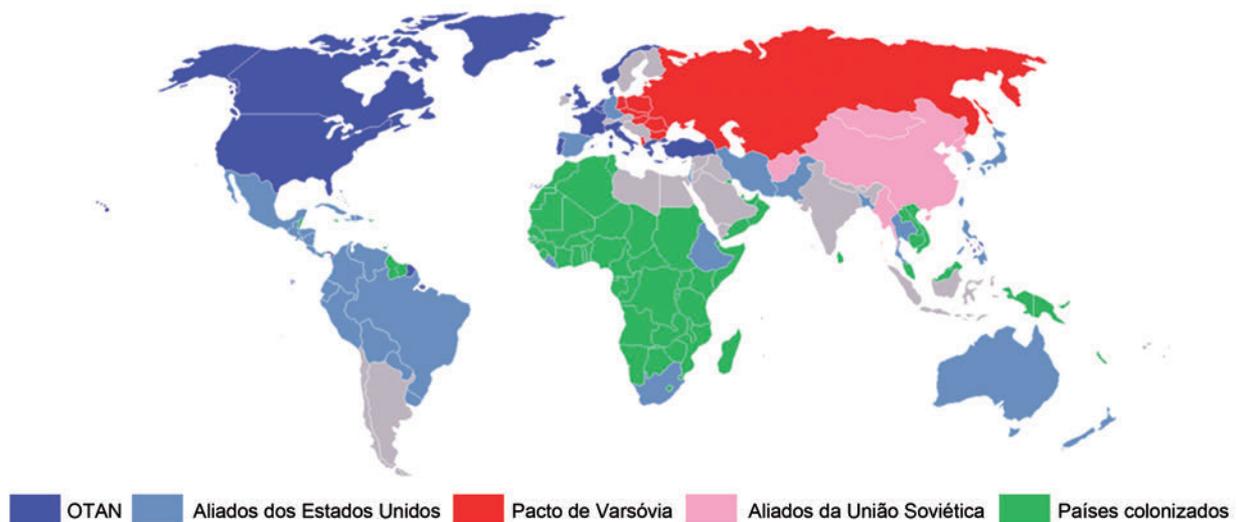


Figura 3: Mapa das Alianças em 1953

Assim, quando a União Soviética dominou a tecnologia nuclear, em 1949, e produziu a sua bomba atômica, o mundo passou a viver o que chamamos de Guerra Fria, que se desdobrou em vários períodos: “Coexistência pacífica (1950/1962)”, “A Détente e o equilíbrio estratégico” (1962-1979)” e a “Segunda Guerra Fria” (1979-1985)”.

“Como uma guerra pode ser fria, em banho-maria?” - Você deve estar se perguntando.

Uma frase dita pelo historiador francês Raymond Aron pode nos ajudar a entender este contexto: *“Paz impossível, guerra improvável”*.

Essa guerra deve ser compreendida como um conflito *multifacetado*, isto é, que possui muitas partes, que tem múltiplos lados, pois pode ser analisada como um conflito ideológico entre capitalismo e socialismo.

LINHA DO TEMPO:

1950 a 1953 - A Guerra da Coreia marcava a oposição entre a Coreia do Sul e seus aliados (EUA e Inglaterra) e a Coreia do Norte, que tinha o apoio militar da China Comunista e o apoio indireto da URSS.

1959 a 1975 – A Guerra do Vietnã tem início quando o Vietnã do Sul sofre um ataque da Frente de Libertação Nacional, apoiada pelo Vietnã do Norte. Os Estados Unidos intervêm, bombardeiam o Vietnã do Norte e atacam até a população civil. Contudo, se veem obrigados a abandonar o país, em 1973, sem garantir a vitória do Vietnã do Sul devido à forte pressão interna da sociedade americana contra esta guerra e a impressionante resistência dos vietnamitas.

Década de 1960 - Os governos populistas da América Latina entraram em crise, abrindo caminho para a instalação das ditaduras militares, que contavam com o apoio ostensivo dos Estados Unidos.

1945 a 1975 - Os países europeus sofreram um enfraquecimento econômico e as colônias africanas e asiáticas iniciaram um processo de libertação que ficou conhecido como “Descolonização Afro-Asiática”.

Saiba Mais

O Muro de Berlim, conhecido também como “Muro da Vergonha”, foi um dos mais ostensivos símbolos da divisão do mundo durante a Guerra Fria e separava a cidade de Berlim em um lado comunista e outro capitalista. Sua construção começou em 13 de agosto de 1961 para impedir a grande migração dos berlinenses que até então passavam livremente do lado oriental para o ocidental, tentando fugir das dificuldades do lado socialista. Para o primeiro-ministro inglês Winston Churchill, o “Muro” era a representação física da Cortina de Ferro - expressão usada para mostrar a divisão entre as democracias ocidentais e os países comunistas da Europa Oriental. O Muro durou 28 anos e, em 09 de novembro de 1989, com a crise do sistema socialista no leste europeu e o fracasso da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, o Muro de Berlim foi derrubado, o que colaborou com o processo de reunificação da Alemanha e representou o fim da Guerra Fria.

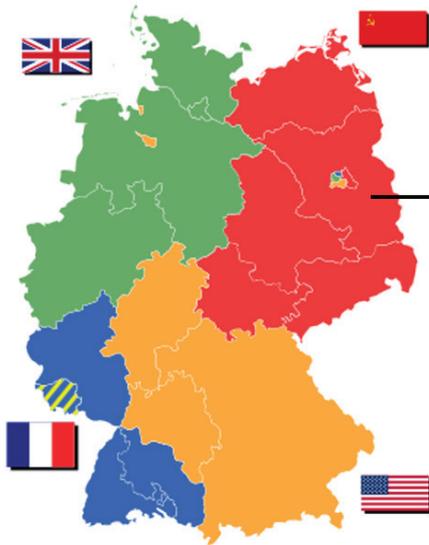


Figura 4: Zonas da ocupação aliadas na Alemanha

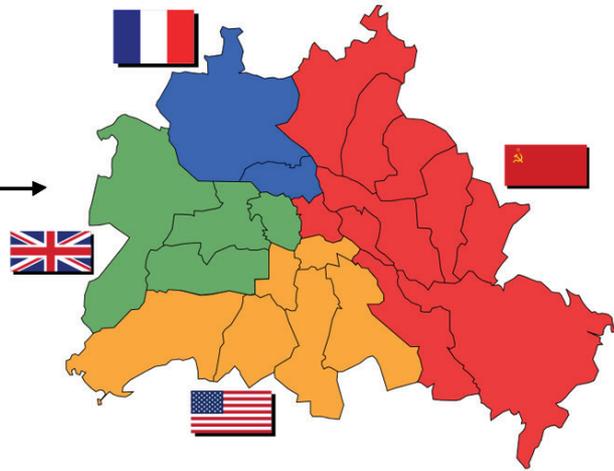


Figura 5: Zonas da ocupação aliadas em Berlim.

Seção 2

E a liberdade vem chegando! Será?

A Descolonização Afro-asiática.

Você sabe o que significa descolonização?

Esse termo é utilizado para representar o processo pelo qual um território recupera ou conquista sua independência. Mas será que conseguir independência é se tornar realmente livre?

Esta é a questão central desta nova seção que você começa a estudar agora!

Durante muito tempo, grande parte da África e da Ásia foi controlada pelos ricos e industrializados países da Europa que brigaram, durante anos, para que cada um conquistasse seu pedaço nessas regiões. Seus objetivos eram aumentar o poder econômico e político e garantir o crescimento industrial. Mas, e os dominados? O que poderiam fazer para se livrar desse controle?

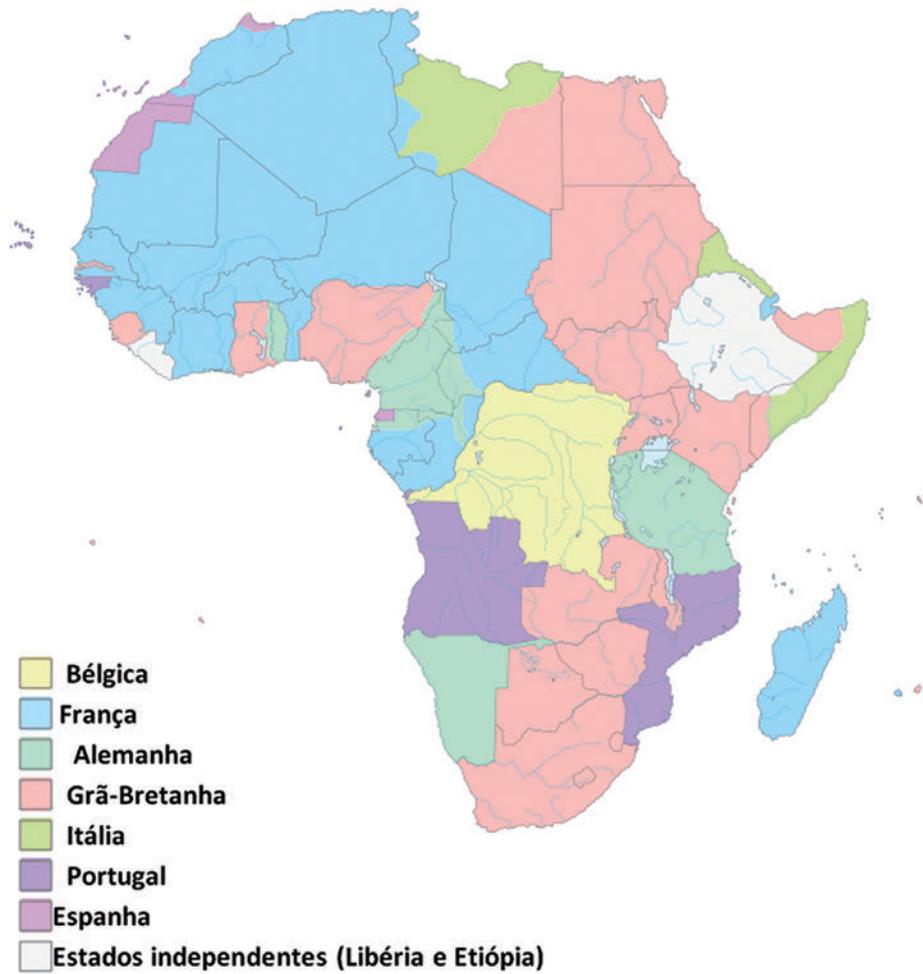
Essa luta pela independência tem como marco a chamada Conferência de Bandung, na Indonésia, realizada em 1955, logo após a Segunda Guerra Mundial, no início da chamada Guerra Fria que você acabou de estudar.

Na Conferência, foram analisados não somente os problemas e interesses das nações afro-asiáticas dominadas, mas se debateu também como elas conquistariam a independência e a liberdade.

Em Bandung, eles buscaram discutir os conflitos entre os Estados industrializados e os países pobres e exportadores de bens primários. Desse encontro, saíram quatro objetivos básicos:

- Fazer as nações afro-asiáticas cooperarem entre si.
- Estudar os problemas sociais, econômicos, políticos e culturais dos países presentes.
- Discutir a política de discriminação racial e outros problemas que ameaçassem a soberania nacional.
- Definir a contribuição dos países afro-asiáticos na promoção da paz mundial e na cooperação internacional.

Mapa da África Colonial em 1913



Descolonização da África

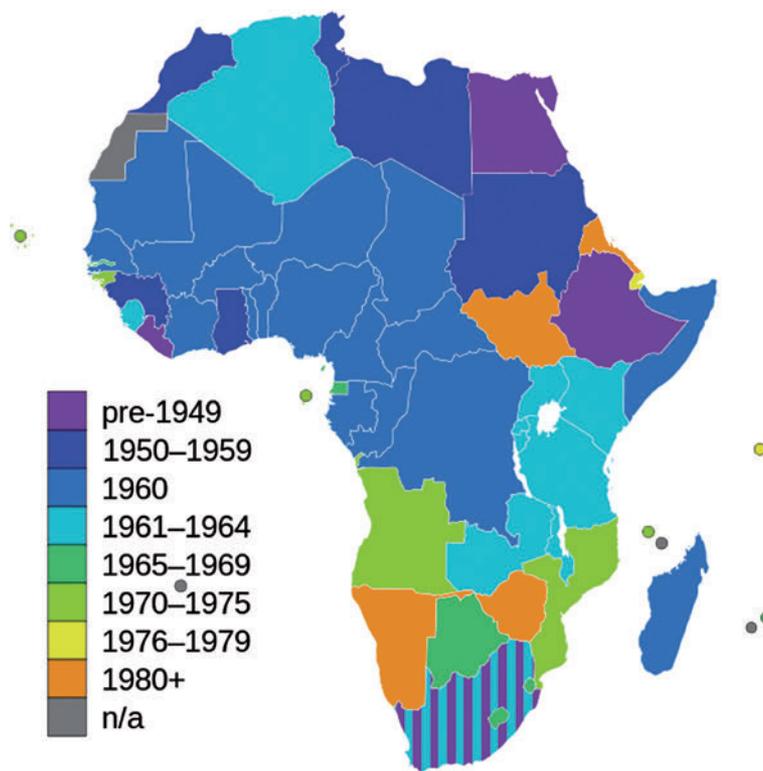


Figura 6: África: antes e depois da descolonização.

Ao comparar o mapa da África Colonial em 1913 e o relativo ao processo de descolonização, após a Segunda Grande Guerra, o que você observa em relação às fronteiras? Por que chegou a esta conclusão?



Anote suas respostas em seu caderno

Cada uma das nações, conhecendo sua realidade, escolheu um caminho para conquistar sua soberania política. Como pode ser observada no mapa, a tarefa não seria fácil, pois 90% do território africano no início do século XX estava sob o controle europeu. Somente a Libéria e a Etiópia eram países independentes.

Ásia, Índia, Indonésia e Indochina também sofriam com o colonialismo europeu. A Indochina era uma região de domínio francês no sudeste da Ásia, e atualmente se encontra dividida em três países: o Vietnã, o Laos e o Camboja.



Importante

Um fator que incentivou a descolonização foi a criação da Organização das Nações Unidas (ONU) após a Segunda Grande Guerra, através da Carta assinada na cidade de São Francisco (EUA), em 26 de junho de 1945. A Carta estimulava o desenvolvimento de relações amistosas entre as nações, baseadas no respeito ao princípio de igualdade de direitos e de autodeterminação dos povos, que é o direito garantido ao povo de cada país de escolher, sem qualquer influência externa, como será a sua organização interna. A Carta propunha, ainda, outras medidas apropriadas ao fortalecimento da paz universal.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos de 10 de dezembro de 1948 também foi um documento importante para estimular a descolonização, pois representava a contradição flagrante com o Apartheid, cujas primeiras leis discriminatórias também entraram em vigor em 1948. A Declaração Universal é um documento que condena todas as formas de opressão e discriminação, defende a igualdade e a dignidade das pessoas, e afirma em seu preâmbulo que:

“Considerando que os povos das Nações Unidas reafirmaram, na Carta da ONU, sua fé nos direitos humanos fundamentais, na dignidade e no valor do ser humano e na igualdade de direitos entre homens e mulheres, e que decidiram promover o progresso social e melhores condições de vida em uma liberdade mais ampla (...) a Assembleia Geral proclama a presente Declaração Universal dos Direitos Humanos como o ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações...”

Apartheid na África do Sul

Uma das consequências mais discutidas decorrentes do controle europeu sobre a África foi a política do APARTHEID. Desde 1910 quando se constituiu, a União da África do Sul estava sob domínio do Império Britânico, que tornou a língua inglesa oficial da região, e os negros ficaram sem direitos políticos e sociais. A União era dominada por uma minoria branca, de ascendência europeia, holandesa e inglesa. Esses grupos – que não se consideravam europeus, mas brancos africanos com direito à terra – foram os responsáveis pela adoção do *apartheid* - um regime de segregação racial adotado como política oficial, de 1948 a 1994. Neste regime, a minoria branca tolhia os direitos da maioria da população negra com o objetivo de manter o seu domínio político e econômico.

Eis algumas das várias leis que constituíram o *apartheid*: proibição do casamento entre pessoas de diferentes **etnias** (ou raças, como era usado na época); obrigação de todas as pessoas serem identificadas segundo sua raça; determinação de áreas específicas para cada um dos grupos e proibição das pessoas negras viverem ou possuírem propriedades fora desses espaços; separação de lugares públicos e serviços sociais, como saúde e educação, de acordo com as diferentes raças.

A União da África do Sul se tornou independente em 1961 e formou a República da África do Sul e, apesar da oposição dentro e fora do país, o novo governo manteve o regime do *apartheid*. Com essa política, veio um caminho de violência e do crescimento de uma intensa resistência interna que chamou a atenção do mundo e fez nascer um grande líder político: Nelson Mandela.

Etnia

Raça e etnia não são palavras sinônimas. Etnia é uma palavra de origem grega e significa povo. É um grupo de indivíduos que estão unidos por um conjunto de afinidades culturais, como língua comum, tradições, etc.

Nelson Mandela – 1º Presidente negro da África do Sul



Nelson Mandela ((18/07/1918 a 05/12/2013)) foi o mais importante líder político da África do Sul. Em 1964, foi condenado à prisão perpétua e ficou preso durante 26 anos (1964-1990). Nesse longo período em que esteve preso, Mandela recebeu apoio de vários segmentos sociais e governos do mundo todo. O aumento das pressões internacionais levou o então presidente da África do Sul, Frederik de Klerk a solicitar a sua libertação. Foi o principal representante do movimento antiapartheid, presidente da África do Sul entre 1994 e 1999 e recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1993. Desde 2010, por recomendação da ONU, é celebrado anualmente, em 18 de julho, o Dia Internacional de Nelson Mandela. A data corresponde ao dia de seu nascimento.

Saiba Mais

Mas e o caminho para liberdade? Foi pacífico ou violento?

Cada nação escolheu dentro da sua realidade um caminho na sua busca de liberdade e independência.

Vamos verificar alguns casos:

A Índia, um dos primeiros países a iniciar o movimento de independência, teve uma figura central: *Mahatma Gandhi*. Esse líder pregava a resistência passiva e o retorno às tradições indianas anteriores à presença inglesa, iniciada em 1919. Gandhi era um pacifista e pregava a não violência e a desobediência civil, que era o boicote aos produtos britânicos e a recusa ao pagamento de impostos, como forma de resistência. Estes métodos já haviam sido empregados por ele contra o práticas racistas na África do Sul, onde ele vivera. E obteve êxito em 1947, quando a Inglaterra finalmente reconheceu a independência da Índia.

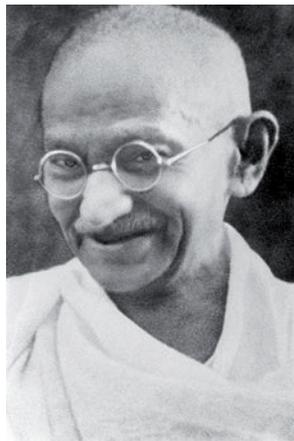


Figura 7: Mahatma Gandhi: “Grande alma” Gandhi

No continente africano, a maioria das nações conquistou sua independência na década de 60 do século XX, mas as colônias portuguesas só se tornaram independentes na década de 70.

No processo de independência de Angola, três grupos armados disputaram o poder: o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), de orientação comunista, a FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola) e a UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola) de orientação anticomunista. A disputa pelo poder entre estes três grupos levou à luta armada e, em 1975, Angola foi declarada independente, com o MPLA no poder. Mas a guerra civil continuou por duas décadas, período em que boa parte da população foi dizimada e o país foi reduzido a escombros.

No processo de independência da Argélia, também houve intensa luta armada, pois a minoria de origem francesa que controlava a vida política e econômica do país se opunha à separação da França. Inúmeros e violentos conflitos, com registro de milhares de mortos e mutilados, aconteceram no processo que levaria à independência e que deixaram a Argélia completamente destruída após a independência.

Enfim, uma das consequências desse processo de descolonização é que se formou um novo bloco de países no cenário mundial: O Terceiro Mundo, que foi uma expressão surgida no contexto de rivalidades da Guerra Fria e tinha como sentido o não alinhamento dos países mais pobres ao direcionamento dos EUA e URSS, conforme foi defendido na Conferência de Bandung. Contudo não esqueça! Com o tempo essa denominação foi perdendo popularidade e caiu em desuso.

Mas, a descolonização significou liberdade?

Observe o que nos diz a historiadora Maria Yedda Linhares:

No seu nascedouro, a palavra “descolonização” já vem carregada de ideologia, parecendo definir um destino histórico dos povos colonizados: depois de ter colonizado, o europeu “descoloniza”, estando, pois, implícita a vontade do país colonizador de abrir mão de pretensos direitos adquiridos em determinado momento. A generalização do termo implica, de certa forma, uma interpretação eurocêntrica da História, ou seja, a noção de que só a Europa possui uma história ou é capaz de elaborá-la. Os outros não têm história: nem passado a ser contado nem futuro a ser elaborado. LINHARES, Maria Yedda Leite. Descolonização e lutas de libertação nacional. *In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (orgs.). O século XX. O tempo das dúvidas.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 3 v. Vol. 3: p. 41.

Na verdade, o próprio “descolonizar” não traz dentro de si a ideia de independência e liberdade. Para uma nação ou um Estado ser de fato independente deve ser autossustentável, ter soberania, autonomia no pensar, poder decidir o que fazer com seu futuro e como construirá o seu passado e sua memória.

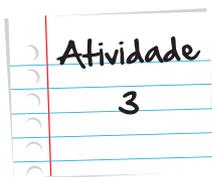
Vamos analisar alguns dados que nos mostram como a África e a Ásia estão hoje:

Apesar de ser o terceiro maior continente do planeta e possuir uma grande diversidade étnica, cultural, social, política e econômica, a África acomoda em seu território os países mais pobres do mundo, em que a fome, a guerra, a subnutrição, o analfabetismo e a baixa expectativa de vida são uma realidade constante. Será que são realmente livres?

E se a África é tão rica e diversa, por que tão pobre (apesar de possuir grandes riquezas naturais, e também por conta disso, foi durante grande parte de sua história explorada e expropriada pelas nações mais poderosas)? A busca de matéria-prima, de mercado consumidor e de riquezas naturais vinda do extrativismo de metais até gás natural, fez desse continente alvo de ataques colonialistas e imperialistas. As nações ricas e industrializadas dividiram seu território sem respeitar etnias, culturas, nações nativas, o que deixou como herança, para esse continente, guerras civis entre grupos políticos rivais pelo controle do Estado.

Seu passado foi escondido pela ideia da superioridade da civilização europeia ou ocidental. Esta ideia de supremacia da minoria branca deixou suas marcas na maioria negra. Dona de uma imensa riqueza, a África nunca pôde desfrutar da mesma, que sempre era utilizada pelas companhias europeias e norte-americanas. Seu crescimento na área de infraestrutura foi muito marcado pela intenção de proporcionar facilidades para as grandes empresas multinacionais ou transnacionais. Esta submissão se efetiva, ainda, através de governos ditatoriais muitas vezes aliados aos interesses estrangeiros, que se eternizam no poder, às vezes de forma violenta e corrupta e que ajudam a manter esse quadro de pobreza e miséria.

Sempre servindo, o continente nunca pôde se servir de sua riqueza.



Você já deve ter visto filmes sobre a atual situação da África, como “Diamante de Sangue” ou “O senhor das Armas”, que ilustram a contradição apresentada neste último parágrafo: “Sempre servindo, o continente nunca pôde se servir de sua riqueza”.

Após observar as informações presentes no mapa a seguir sobre o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), escreva sobre como a ganância das grandes potências desde o século XV, com a escravidão dos povos africanos até os dias de hoje, com a superexploração das multinacionais norte-americanas e europeias acarretaram os graves problemas deste continente, tais como: a fome, a miséria, as epidemias, as guerras civis, os genocídios, dentre inúmeros outros.

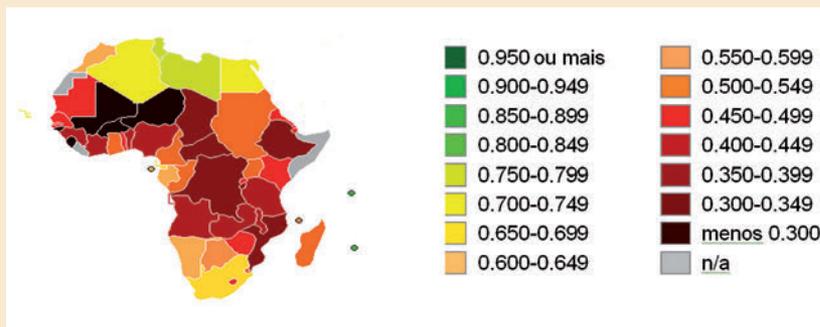


Figura 8: IDH da África

Anote suas respostas em seu caderno

Seção 3

A Revolução Cubana



Figura 9: Ernesto Rafael Guevara de la Serna, o “Che Guevara” 1928-1967

Há de endurecer-se, sem perder a ternura jamais.....

Será que você já ouviu esta frase? É bem provável que sim, ou que pelo menos já tenha se deparado com alguém, principalmente os jovens, usando uma camiseta com a frase ou a foto acima.

Pois bem, esta frase foi dita pelo guerrilheiro Che Guevara... Sim, é aquele mesmo representado no filme “Diário de Motocicleta” em que narra as suas inúmeras viagens pela América do Sul. Mas você sabe quem foi ele? O que defendeu? O que realizou? O que pensava?

O interesse por Che Guevara tem aumentado muito e reflete o anseio dos que buscam uma nova forma de convivência social. Ele se tornou uma referência em todas as lutas por liberdade e é considerado um símbolo de resistência contra as formas de exploração e, principalmente, contra o imperialismo norte-americano na América Latina, no período da Guerra Fria que você já estudou.

Em 1953, Fidel Castro comandou a primeira rebelião em Cuba. Porém o movimento fracassou e ele foi preso. Voltou para Havana e procurou unificar as oposições para viabilizar a realização de eleições gerais, mas diante da sua popularidade, Fulgêncio Batista o exilou e ele foi para o México, onde conheceu o jovem médico argentino Che Guevara. Estes dois homens dariam forma às suas ideias revolucionárias que culminariam na Revolução Cubana de 1959.

Revolução Cubana:

E os revolucionários estão tomando a Ilha...



Figura 10: Marcha dos revolucionários cubanos

Pois é, inicialmente, a Revolução Cubana não apresentava uma ideologia muito clara, sinalizando apenas que lutava contra a ditadura de Fulgêncio Batista, que era apoiado pelos Estados Unidos. Segundo o discurso de Fidel Castro, os objetivos dos revolucionários “nunca foram procurar glória, honras nem reconhecimentos individuais ou coletivos”, mas lutar para mudar a estrutura social do país na busca da igualdade e justiça social.

Porém, após a instalação do governo revolucionário, Fidel Castro, que se intitulava apenas Primeiro Ministro, concentrou todo o poder em suas mãos, decretou a Reforma agrária e iniciou a expropriação dos latifúndios, entre os quais predominavam os pertencentes a empresas dos EUA, como a United Fruit Company. Os bancos e as minas também foram nacionalizados.

No plano de política externa, cresceram, então, os conflitos entre o governo de Fidel Castro e os interesses norte-americanos. Cuba restabeleceu relações com a União Soviética e demais países do bloco socialista, e, pouco a pouco, acabaria se alinhando ao socialismo soviético, instalando-se, desse modo, o primeiro país com modelo socialista na América. Assim, o governo cubano foi aumentando a sua dependência das nações socialistas e, durante muito tempo, a sua economia se sustentou através de auxílios e acordos vantajosos firmados com a União Soviética.

Por outro lado, o embargo econômico, comercial e financeiro imposto a Cuba pelos Estados Unidos, isto é, a proibição das filiais estrangeiras de companhias estadunidenses de comercializar com Cuba, teve início oficialmente em fevereiro de 1962 sob a administração do presidente Kennedy. Mas, desde 1959, o ano da Revolução Cubana, existiam restrições e sanções ao comércio com Cuba. O embargo acabou levando a população cubana à carência de recursos de toda espécie, desde os artigos comuns de consumo, bens de produção e até remédios.

Não apenas as dificuldades do isolamento econômico, mas também o caráter repressivo do regime marcado por muitos assassinatos, fuzilamentos e milhares de presos políticos podem explicar o número muito grande de refugiados cubanos. Acabava o aspecto romântico e idealista da Revolução e, em muitos momentos, os abusos contra a liberdade causaram enorme indignação mundial.

Após a desintegração da União Soviética, em 1991, Cuba começou a enfrentar vários problemas de ordem econômica. Na tentativa de reverter a situação, o governo cubano começou a se abrir e até estimular alguns investimentos estrangeiros de forma moderada. Houve a reaproximação com a Venezuela, que fornece petróleo ao país, e o turismo começou a ser incentivado.

Em sua primeira visita a Cuba em 2012, a presidente do Brasil, Dilma Rousseff, declarou que apoia as reformas econômicas do país iniciadas por Raúl Castro. O Brasil assinou alguns acordos para a criação de banco de dados geológicos, reforço do Centro de Tecnologia e Qualidade da Indústria Siderúrgica e criação de rede de banco de leite materno.

Depois de quase 50 anos no poder (1959 a 2008), Fidel Castro “se afastou” da presidência e seu irmão Raúl Castro, que também participou da Revolução Cubana, assumiu o cargo de presidente e promoveu uma discreta abertura, como a liberação de aquisição de computadores, embora o uso da Internet seja muito restrito.

Mas que revolução é essa? O que ela mudou? Contra o quê ela lutava?

Uma dica para responder tais questões é ler o discurso proferido por Fidel Castro em 2004:

Caros compatriotas;

Distintos convidados;

Muitos dos que tivemos o privilégio de sermos testemunhas daquele dia emocionante, ainda vivemos; muitos outros já morreram; a maioria esmagadora dos aqui presentes tinham menos de dez anos, ou não tinham nascido, ou estavam longe de nascer no dia Primeiro de Janeiro de 1959.

Nossos objetivos nunca foram procurar glória, honras, nem reconhecimentos individuais ou coletivos. Os que hoje ostentam o legítimo direito de chamar-nos revolucionários cubanos vimo-nos obrigados, porém, a escrever o que tem resultado uma página sem precedentes na história. Insatisfeitos com a situação política e social do nosso país, estávamos simplesmente decididos a mudá-la. Não era uma questão nova em Cuba, tinha acontecido muitas vezes ao longo de quase um século.

Acreditávamos nos direitos dos povos, entre eles, o direito à independência e a se rebelar contra a tirania. Do exercício de tais direitos neste hemisfério, conquistado a sangue e fogo pelas potências europeias - incluindo os massacres maciços dos aborígenes e a escravidão de milhões de africanos -, emergiu um conjunto de nações independentes, entre elas os Estados Unidos da América.

Discurso proferido pelo Presidente da República de Cuba Fidel Castro, por ocasião do Aniversário 45 da Revolução Cubana, em 3 de Janeiro de 2004.

http://www.portocomcuba.org/index.php?option=com_content&view=article&id=92&catid=39&Itemid=66

Percebeu que no último parágrafo de seu discurso, Fidel Castro diz que os revolucionários acreditavam no direito dos povos e que eles se rebelavam contra a tirania? Ele estava se referindo ao domínio que os Estados Unidos exerciam sobre Cuba desde a sua independência em 1898 e ao período em que Fulgêncio Batista exerceu o poder, desde 1933. E ainda tinha a extrema miséria e pobreza em que viviam os cubanos.



Saiba Mais

Nenhuma revolução poderia ter sido mais bem projetada para atrair a esquerda do hemisfério ocidental e dos países desenvolvidos, no fim de uma década de conservadorismo global; ou para dar à estratégia da guerrilha maior publicidade. A Revolução Cubana era tudo: romance, heroísmo nas montanhas, ex-líderes estudantis com a desprendida generosidade de sua juventude – os mais velhos mal tinham passado dos trinta –, um povo exultante, num paraíso turístico tropical pulsando com os ritmos da rumba. E o que era mais: podia ser saudada por toda a esquerda revolucionária.

Eric J. Hobsbawm, A era dos extremos, p. 427.

Linha do tempo

1898 – Guerra de Independência de Cuba.

1899 a 1902 – Governo de intervenção dos EUA em Cuba.

1902 – Emenda Platt.

1903 – Base militar de Guantánamo arrendada aos EUA.

1934 a 1959 – Governo ditatorial de Fulgêncio Batista.

1953 – Ataque ao Quartel de Moncada, fracassado. O advogado Fidel Castro é preso, fugindo depois.

1956 – Desembarque de Fidel Castro e companheiros em território cubano.

1958 – Duas colunas de guerrilheiros, comandadas por Cienfuegos e Che Guevara, ocupam várias cidades e povoados.

1959 – Os guerrilheiros entram em Havana e libertam a capital, Santiago de Cuba.

1960 – EUA rompem relações com Cuba. Tentativa de contrarrevolução para derrubar Fidel pela CIA.

1962 – Cuba é expulsa da OEA, dominada por países pró-EUA. Consolida-se a revolução.

Resumo

Ao final desta aula você deverá ter aprendido que:

- após a Segunda Guerra formaram-se dois polos de poder não europeus: EUA e URSS. A disputa pela liderança do mundo gerou uma Ordem Bipolar, resultando na chamada Guerra Fria;
- a Guerra Fria, não pode ser vista somente como uma disputa econômica, política e bélico-tecnológica, mas também como uma disputa ideológica (capitalismo X socialismo);
- o *American Way of Life* foi um importante instrumento de divulgação do modelo de vida capitalista;
- vários fatores levaram ao processo de descolonização da África e Ásia e que este não foi um processo uniforme;
- a Revolução Cubana representou o rompimento do domínio norte-americano na América Latina e Cuba se tornou o primeiro estado socialista no continente americano.

Veja ainda

Adeus Lênin.

No filme “Adeus Lênin” a Sra. Kerner entra em coma em 1989, pouco antes da queda do muro de muro de Berlim, e só desperta em 1990. Ao acordar, sua cidade natal, Berlim Oriental já está bastante modificada com a Queda do Muro que a dividia. O filme registra os conflitos ideológicos que marcaram a Guerra Fria.

Ano: 2003. Direção: Wolfgang Becker

Hotel Ruanda

O filme é de 2004 e relata a história de um homem que trabalha em um luxuoso hotel, totalmente desconectado da realidade local do país (Ruanda - África). O país é uma ex-colônia belga e viveu em 1994 um grande conflito étnico. Hutus contra tutsis. Em meio ao caos, vários refugiados são abrigados nesse hotel.

Gandhi

O filme é de 1982 e conta a história de Mahatma Gandhi e, apesar de longo, é muito interessante. É relatado desde os primeiros contatos de Gandhi com a luta indiana até a sua morte, sempre ligado ao processo de descolonização. Gandhi pregou uma luta pacífica contra os colonizadores britânicos, mas acabou assassinado.

O Senhor das Armas

Em 2005, o filme mostra o fornecimento de armas para conflitos africanos.

Apocalypse Now

No contexto da Guerra Fria o filme mostra a Guerra do Vietnã, ex-colônia francesa.

Diários de Motocicleta

Um filme de Walter Salles de 2004. Baseado em fatos reais, aborda uma viagem realizada por Che Guevara e seu amigo Alberto Granado pela América do Sul, em 1952. Na época, Che era um jovem estudante de Medicina e quando chegam a Machu Pichu, a dupla conhece uma colônia de leprosos e passa a questionar a validade do progresso econômico da região, que privilegia apenas uma pequena parte da população.

Che

Longa de 2008 dirigido por Steven Soderbergh, ele tem início em 1964, quando Che chega aos Estados Unidos para discursar, em nome de Cuba, na Assembleia das Nações Unidas. Nos dias em que passa no país, Che concede entrevista a uma jornalista. O tema abordado é a Revolução Cubana, ocorrida em 1959. Esse é o enredo de Che, estrelado pelo porto-riquenho Benicio Del Toro, que interpreta o guerrilheiro.

Bibliografia consultada

- FILHO, Daniel Aarão Reis; FERREIRA, Jorge; Zenha, Celeste (orgs.). *O século XX: o tempo das crises: revoluções, fascismo e guerras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- HOBBSAWN, Eric. *Era dos extremos: O breve século XX (1914-1991)*. tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LINHARES, Maria Yedda Leite. Descolonização e lutas de libertação nacional. *In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (orgs.). O século XX. O tempo das dúvidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- SILVA, Fábio Luiz da. *História Contemporânea II*. São Paulo: Pearson. Prentice Hall, 2010.

Imagens



- Acervo pessoal • Andreia Villar



- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:007FRWLposter.jpg>



- http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Yalta_summit_1945_with_Churchill,_Roosevelt,_Stalin.jpg



- http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Guerra_Fria_alian%C3%A7as_em_1947-1953.png



- http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/8/8e/Deutschland_Besatzungszonen_-_1945_1946.svg/300px-Deutschland_Besatzungszonen_-_1945_1946.svg.png



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Berlin_Blockade-map.svg



• https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Colonial_Africa_1913_map.svg



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Africa_independence_dates.svg



• [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Nelson_Mandela-2008_\(edit\).jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Nelson_Mandela-2008_(edit).jpg)



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Portrait_Gandhi.jpg



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Demografia_da_%C3%81frica



• <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:CheHigh.jpg>



• https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Revolution_Map_of_progress.jpg



• <http://www.sxc.hu/photo/517386> • David Hartman.

Atividade 1

Resposta pessoal. O objetivo desta atividade é estimular o aluno a perceber os lados positivos e negativos do *American Way of Life*, ou seja, do modelo capitalista americano de sociedade de consumo.

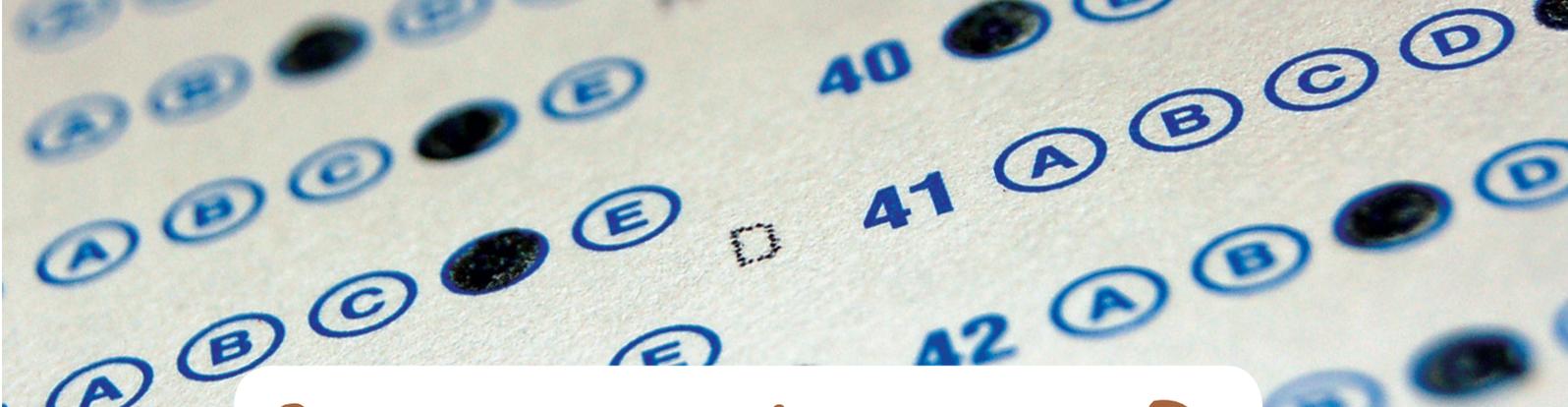
Atividade 2

O aluno deve ser capaz de perceber a pouca mudança no mapa da divisão política do continente africano após o processo de descolonização – uma vez que grande parte dos novos Estados africanos mantiveram as fronteiras delimitadas pelos antigos dominadores.

Atividade 3

O aluno poderá relacionar o violento processo de escravização dos povos africanos que acarretou uma forte migração forçada de parte da sua população, desestruturando o sistema político, econômico e social até então vigente na região. Este processo foi agravado, a partir do século XIX, com a dominação dos países africanos pelas potências europeias ao partilharem a África sem considerar as diversidades étnicas e culturais locais. Como resultado, percebemos, após as emancipações políticas, a permanência do controle econômico por parte dos europeus e norte-americanos, principalmente, bem como a intensa concentração de renda, as guerras civis, a miséria, a fome e as doenças.





O que perguntam por aí?

Questão 1 - (Enem 2011 - Prova Azul)

Em meio às turbulências vividas na primeira metade dos anos 1960, tinha-se a impressão de que as tendências de esquerda estavam se fortalecendo na área cultural. O Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE) encenava peças de teatro que faziam agitação e propaganda em favor da luta pelas reformas de base e satirizavam o “imperialismo” e seus “aliados internos”.

(KONDER, L. História das Ideias Socialistas no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2003.)

No início da década de 1960, enquanto vários setores da esquerda brasileira consideravam que o CPC da UNE era uma importante forma de conscientização das classes trabalhadoras, os setores conservadores e de direita (políticos vinculados à União Democrática Nacional — UDN, Igreja Católica, grandes empresários etc.) entendiam que esta organização:

- constituía mais uma ameaça para a democracia brasileira, ao difundir a ideologia comunista.
- contribuía com a valorização da genuína cultura nacional, ao encenar peças de cunho popular.
- realizava uma tarefa que deveria ser exclusiva do Estado, ao pretender educar o povo por meio da cultura.
- prestava um serviço importante à sociedade brasileira, ao incentivar a participação política dos mais pobres.
- diminuía a força dos operários urbanos, ao substituir os sindicatos como instituição de pressão política sobre o governo.

Resposta:

A resposta correta é a letra A, pois os setores conservadores do início da década de 60 acreditavam que centros culturais, como o CPC, constituíam uma ameaça aos valores capitalistas. Vale lembrar que no contexto da Guerra Fria, criticar o imperialismo norte-americano poderia ser entendido como uma forma de difundir o socialismo.

Questão 2 - (Enem 1999 - Prova Amarela)

Em dezembro de 1998, um dos assuntos mais veiculados nos jornais era o que tratava da moeda única europeia. Leia a notícia destacada a seguir.

O nascimento do Euro, a moeda única a ser adotada por onze países europeus a partir de 1º de janeiro, é possivelmente a mais importante realização deste continente nos últimos dez anos que assistiu à derrubada do Muro de Berlim, à reunificação das Alemanhas, à libertação dos países da Cortina de Ferro e ao fim da União Soviética. Enquanto todos esses eventos têm a ver com a desmontagem de estruturas do passado, o Euro é uma ousada aposta no futuro e uma prova da vitalidade da sociedade europeia. A “Euroland”, região abrangida por Alemanha, Áustria, Bélgica, Espanha, Finlândia, França, Holanda, Irlanda, Itália, Luxemburgo e Portugal, tem um PIB (Produto Interno Bruto) equivalente a quase 80% do americano, 289 milhões de consumidores e responde por cerca de 20% do comércio internacional. Com este cacife, o Euro vai disputar com o dólar a condição de moeda hegemônica. (Gazeta Mercantil, 30/12/1998).

A matéria refere-se à “desmontagem das estruturas do passado” que pode ser entendida como:

- a. o fim da Guerra Fria, período de inquietação mundial que dividiu o mundo em dois blocos ideológicos opostos.
- b. a inserção de alguns países do Leste Europeu em organismos supranacionais, com o intuito de exercer o controle ideológico no mundo.
- c. a crise do capitalismo, do liberalismo e da democracia levando à polarização ideológica da antiga URSS.
- d. a confrontação dos modelos socialistas e capitalista para deter o processo de unificação das duas Alemanhas.
- e. a prosperidade das economias capitalistas e socialistas, com o conseqüente fim da Guerra Fria entre EUA e a URSS.

Resposta: A. Todas as mudanças mencionadas no texto - a saber, a derrubada do Muro de Berlim, a reunificação das Alemanhas, a libertação dos países da Cortina de Ferro e o fim da União Soviética - são referentes ao fim da Guerra Fria, como mostra a alternativa A.

Questão 3

A África subsaariana conheceu, ao longo dos últimos quarenta anos, trinta e três conflitos armados que fizeram no total mais de sete milhões de mortos. Muitos desses conflitos foram provocados por motivos étnico-regionais, como os massacres ocorridos em Ruanda e no Burundi.

(Le Monde Diplomatique, maio/1993 - com adaptações.)

Das alternativas abaixo, aquela que identifica uma das raízes históricas desses conflitos no continente africano é:

- a. a chegada dos portugueses, que, em busca de homens para escravização, extinguiram inúmeros reinos existentes;
- b. a Guerra Fria, que, ao provocar disputas entre EUA e URSS, transformou a África num palco de guerras localizadas;
- c. o Imperialismo, que, ao agrupar as diferentes nacionalidades segundo tradições e costumes, anulou direitos de conquista;
- d. o processo de descolonização, que, mantendo as mesmas fronteiras do colonialismo europeu, desrespeitou as diferentes etnias e nacionalidades.

Resposta: D

Questão 4 - (FGVRJ 2012)

Até que a filosofia que sustenta uma raça
Superior e outra inferior
Seja finalmente e permanentemente desacreditada e abandonada,
Haverá guerra, eu digo, guerra.
(...)
Até que os regimes ignóbeis e infelizes,
Que aprisionam nossos irmãos em Angola, em Moçambique,
África do Sul, em condições subumanas,
Sejam derrubados e inteiramente destruídos, haverá
Guerra, eu disse, guerra.
(...)
Até esse dia, o continente africano
Não conhecerá a paz, nós, africanos, lutaremos,

Se necessário, e sabemos que vamos vencer,
Porque estamos confiantes na vitória
Do bem sobre o mal,
Do bem sobre o mal...
War. Bob Marley, 1976.

A canção War foi composta por Bob Marley, a partir do discurso pronunciado pelo imperador da Etiópia, Hailé Selassié (1892-1975) em 1936, na Liga das Nações. As ideias do discurso, presentes na letra da canção acima, estão associadas:

- a. Ao darwinismo social, que propunha a superioridade africana sobre as demais raças humanas.
- b. Ao futurismo, que consagrava a ideia da guerra como a higiene e renovação do mundo.
- c. Ao pan-africanismo, que defendia a existência de uma identidade comum aos negros africanos e a seus descendentes.
- d. Ao sionismo, que defendia que o imperador Selassié era descendente do rei Salomão e da rainha de Sabá e deveria assumir o governo de Israel.
- e. Ao apartheid, que defendia a superioridade branca e a política de segregação racial na África do Sul.

Resposta: C

Questão 5 – (FGV/2011)

A Revolução Cubana, vitoriosa em 1959, teve como principal característica:

- a. A mobilização popular por meio de manifestações de massas e a organização de seguidas greves gerais que interromperam as atividades econômicas de Cuba.
- b. A prática do “foquismo”, com grupos armados que se dedicavam à luta armada caracterizada pela tática de guerrilhas.
- c. A mobilização internacional por meio de campanhas que denunciavam o desrespeito aos direitos humanos por parte do governo cubano.
- d. A intervenção soviética, que enviou tropas de apoio aos revolucionários e bombardeou bases do governo cubano.

- e. A vitória eleitoral dos revolucionários no pleito de 1958 e a gradativa implementação de medidas socializantes por Fidel Castro.

Resolução:

Os líderes do movimento propunham que pequenos grupos armados usando táticas de guerrilha, com apoio camponês, poderiam chegar ao poder; o “foco guerrilheiro”.

O movimento liderado por Fidel Castro em 1959 acabou por derrubar o ditador Fulgêncio Batista e, em 1961, Cuba tornava-se um Estado socialista, aliado à União Soviética.

Resposta: B

Questão 6 - (UFES-ES/2004)

Ao assumir a presidência dos Estados Unidos, em 1961, o candidato democrata John Fitzgerald Kennedy viu-se compelido, devido à vitória da Revolução Cubana, a reforçar o sistema pan-americano de modo a preservar a hegemonia norte-americana sobre o continente e impedir o avanço do comunismo. Com esse propósito, convocou-se a Conferência Econômica e Social de Punta Del Este, em agosto de 1961, ocasião em que foram fixadas diversas diretrizes, visando ao desenvolvimento da América Latina, com a previsão de um volume de investimentos externos da ordem de 20 bilhões de dólares, a serem desembolsados num prazo de dez anos. Esse projeto desenvolvimentista para a América Latina, gerenciado pelos E.U.A. e fruto da nova política externa implementada pelo governo Kennedy no contexto da Guerra Fria, ficou conhecido como:

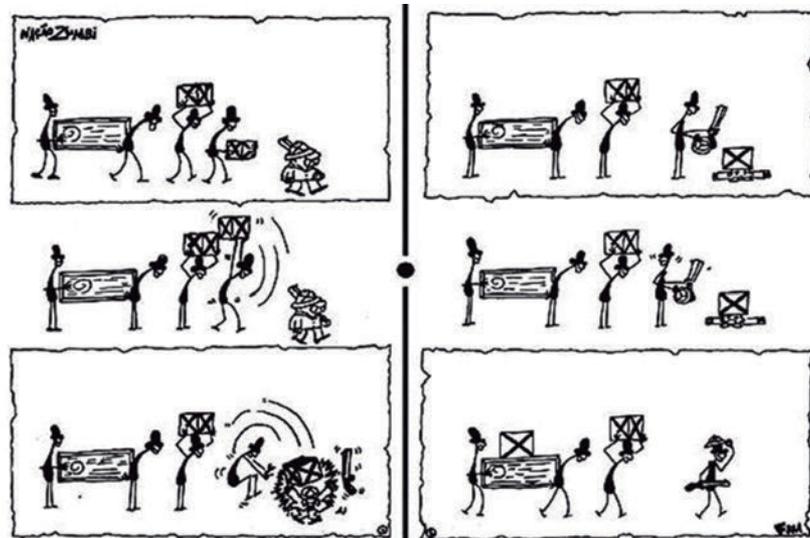
- a. Nova Fronteira.
- b. Aliança para o Progresso.
- c. Grande Estratégia.
- d. Política da Boa Vizinhança.
- e. Teoria da Contra-Insurgência.

Comentários: Objetivando conter o avanço da influência comunista na América Latina após a Revolução Cubana de 1959, os EUA tentaram se aproximar ainda mais dos países em desenvolvimento da região. Para tanto, em 1961, o presidente norte-americano John F. Kennedy criou a política da Aliança para o Progresso, que estabelecia a intensificação de investimentos financeiros norte-americanos na América Latina.

Resposta: B

Questão 7 - (UPF 2012)

Analise a charge abaixo que apresenta alguns elementos dos processos de descolonização ou libertação da África negra durante o século XX. Aponte a assertiva correta com base na imagem e na história do processo de independência das colônias africanas.



Fonte: <http://www.cartacantos.com.br/blog/wpcontent/gallery/alves/alves-nacao-zumbi.jpg>

- A descolonização foi uma iniciativa dos colonizadores, que, conscientes da importância do princípio de autodeterminação dos povos, afastam-se para deixar que cada nação africana ainda regida por europeus seja independente.
- Muitas lideranças africanas implementaram ditaduras pautadas na força quando da sua independência em relação aos europeus.
- A luta anticolonial foi estimulada pela Segunda Guerra Mundial, quando soldados das colônias foram incorporados aos exércitos nas batalhas da Europa e obtiveram direitos políticos para suas nações em função de sua participação na derrocada do nazifascismo.
- Apesar de alguns líderes africanos terem se destacado na luta pela independência, o processo foi solucionado de forma pacífica, evidenciando a conscientização de todos os envolvidos.
- O Pan-Africanismo visava congregiar as nações independentes em entidades desportivas que auxiliassem na sua afirmação identitária nacional, fazendo uso da Copa da África, Copa do Mundo e Olimpíadas para reforçar a união de suas populações.

Resposta: B

Muitas lideranças africanas implementaram ditaduras pautadas na força quando da sua independência em relação aos europeus.

Questão 8 - (UFSM 2011)

“A primeira coisa, portanto, é dizer-vos a vós mesmos: Não aceitarei mais o papel de escravo. Não obedecerei às ordens como tais, mas desobedecerei quando estiverem em conflito com a minha consciência. O assim chamado patrão poderá sussurrar-vos e tentar forçar-vos a servi-lo. Direis: Não, não vos servirei por vosso dinheiro ou sob ameaça. Isso poderá implicar sofrimentos. Vossa prontidão em sofrer acenderá a tocha da liberdade que não pode jamais ser apagada.” (Mahatma Gandhi)

In: MOTA, Myriam; BRAICK, Patrícia. *História das cavernas ao Terceiro Milênio*. São Paulo: Moderna, 2005. p.119.

“Acenderá a tocha da liberdade que não pode jamais ser apagada” são palavras de Mahatma Gandhi (1869-1948) que, no contexto da Guerra Fria, inspiraram movimentos como

- a. o acirramento da disputa por armamentos nucleares entre os EUA e a URSS, objetivando a utilização do arsenal nuclear como instrumento de dissuasão e amenização das disputas.
- b. a reação dos países colonialistas europeus visando a diminuir o poder da Assembleia Geral da ONU e reforçar o poder do Secretário Geral e do Conselho de Segurança.
- c. as concessões unilaterais de independência às colônias que concordassem em formar alianças econômicas, políticas e estratégicas com suas antigas metrópoles, como a Comunidade Britânica de Nações e a União Francófona.
- d. o reforço do regime de “apartheid” na África do Sul que, após prender o líder Nelson Mandela e condená-lo à prisão perpétua, procurou expandir a segregação racial para os países vizinhos, como a Rodésia e a Namíbia.
- e. o não alinhamento político, econômico e militar aos EUA ou à URSS, decisão tomada pelos países do Terceiro Mundo reunidos na Conferência de Bandung, na Indonésia.

Resposta: E



